

O POETA E EX-PRESO POLÍTICO ASSUME A SECRETARIA DE CULTURA

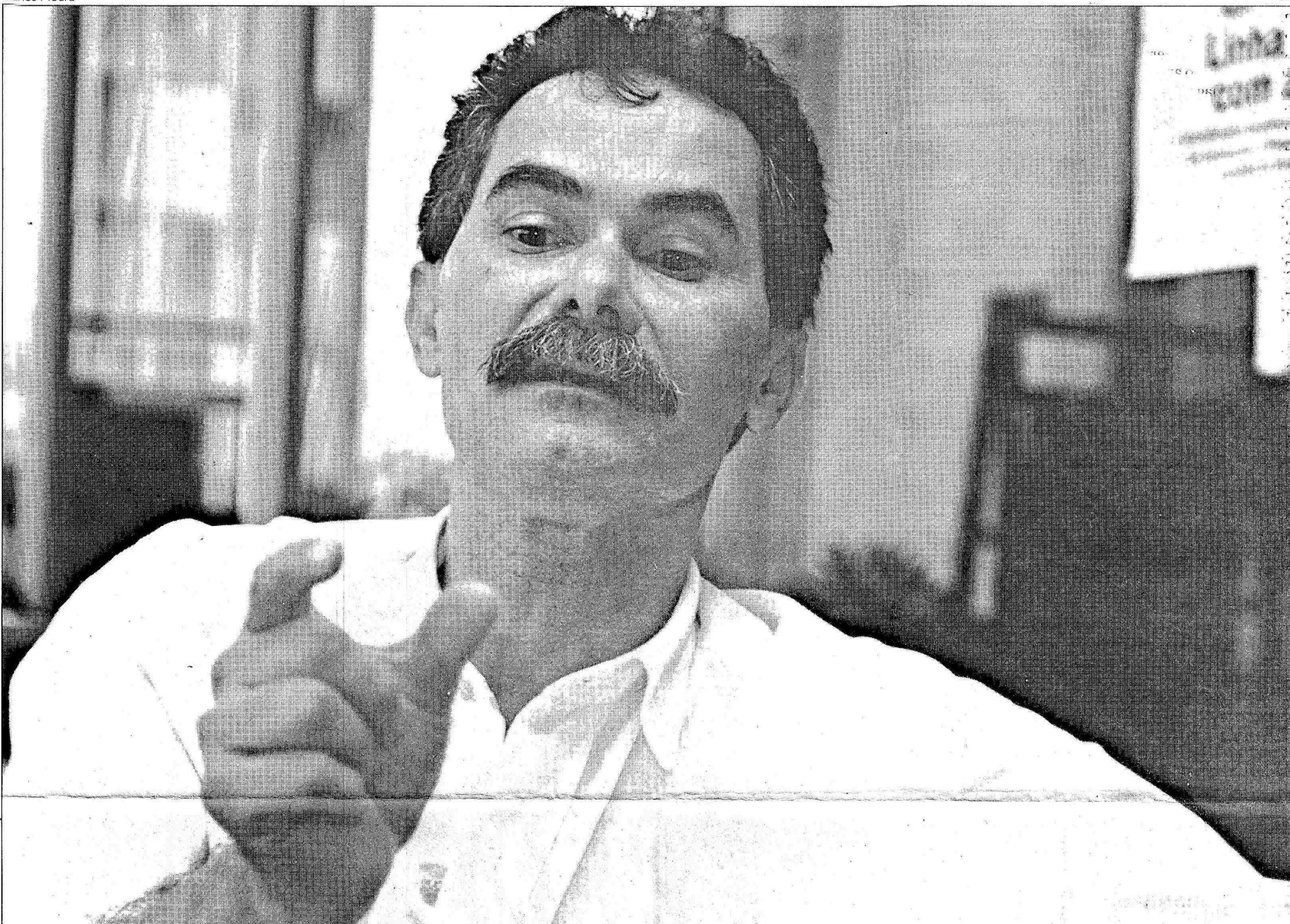
ENTREVISTA

a Newton Araújo Jr.
e Lourenço Fraguas
Da equipe do Correio

Pedro Tierra

"A minha idéia é converter as Temporadas Populares em lei, porque aí você deixa de estar fazendo apenas um evento e o projeto passa a fazer parte do calendário cultural da cidade"

Carlos Moura



Fã da poesia de García Lorca, o secretário de Cultura vai procurar a UnB para retomar o Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (Flaac) com uma homenagem a Che Guevara.

Continuidade nas ações culturais do governo. Liberação de R\$ 100 mil para a conclusão de curta-metragens.

Recuperação do Gran Circo Lar até maio. Criação de concursos literários. Volta do Salão de Artes Plásticas e do Prêmio Aquisição.

Estas são algumas promessas de Pedro Tierra, que tornou-se na última quarta-feira o terceiro secretário de Cultura do Distrito Federal em apenas dois anos. Seu nome verdadeiro é Hamilton Pereira, um ex-prespo político de 1972 a 1977 e fundador do Partido dos Trabalhadores.

Noviço na área, ele concedeu entrevista ao Correio Dois com ajuda de dois fiéis escudeiros e companheiros de militância no PT: o diretor-executivo da Fundação Cultural, Nilson Rodrigues, e o diretor da Rádio Cultura, Romário Schettino. A conversa com o secretário que tem o PT até nas iniciais do pseudônimo durou mais de uma hora. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Correio Dois — Como começou o dia do secretário em seu primeiro dia de trabalho?

Pedro Tierra — Começamos conversando com o pessoal da casa (Nilson Rodrigues e Romário Schettino), inclusive me preparando para esta entrevista. Por que minha concepção de trabalho é esta: sou secretário de um governo que se define como democrático e popular, tem um corte ideológico com a presença importante de socialistas e que, por definição, compreende a ação como coletiva, de equipe. Por isso que trouxe aqui hoje dois companheiros que já estão na equipe da secretaria desde o tempo da Maria Duarte (a primeira secretária): o Nilson e o Romário.

Correio — Concretamente, quais os seus planos até o final do governo?

Tierra — Nós vamos fixar para cada área uma perspectiva que está desenhada porque eu estou assumindo na metade do governo. Limitada por dois fatores: tempo, porque temos dois anos de trabalho pela frente, e recursos financeiros, materiais, nós temos que levá-los em conta permanentemente.

Correio — Como fica a questão dos recursos?

Tierra — Normalmente se assinala esse fator como determinante para a ação cultural. Ele é em termos. A cultura, em qualquer lugar do Brasil, sempre lidou com poucos recursos financeiros. Apesar disso, o Governo Democrático e Popular do DF conseguiu realizar, por exemplo, as Temporadas Populares, o Classe-Arte e o Festival de Cinema. E isso foi feito dentro de uma compreensão de que

governo do DF e o Estado brasileiro sofrem uma brutal carência de recursos, mas buscando uma parceria com os criadores e produtores de arte, aqueles que viabilizam materialmente, e com o empresariado, e com as empresas públicas, a exemplo da CEB nas Temporadas...

Correio — Na verdade, parece que as parcerias se resumem às empresas públicas.

Tierra — Isso é verdade? (pede ajuda a Nilson)

Nilson Rodrigues — Em parte sim. Acho que o grande salto que precisa ser dado é nesse sentido. Nós temos aí a Lei Magela que propicia as condições para a participação do empresário na produção cultural. Ela é diferente da Lei Rouanet. Essa mexe com deduções no Imposto de Renda. Já a Lei Magela é mais local, mexe com deduções no IPTU e ISS. Os recursos investidos são abatidos integralmente.

Correio — Quando foi criada a Lei Magela?

Romário Schettino — No final do governo Roriz.

Correio — E não tem funcionado, arrecadado nada?

Nilson — São duas possibilidades: o Mecenato e o Fundo de Apoio à Cultura, que representam 33% do que a Fundação Cultural tem arrecadado. Mas creio que deve se articular com outras secretarias e chamar o empresariado para investir nessa área e abater dos seus impostos...

Tierra — Dito isto, esse é um fator concreto e que nós vamos enfrentá-lo buscando essas alternativas.

Correio — Além dos três projetos que o senhor já citou, há algum outro projeto em sua

cabeça?

Tierra — Nós vamos anunciar brevemente a liberação dos recursos para a conclusão dos curta-metragens que estão em curso, alguns já em fase de montagem. Estou tratando isso com o governador, mas não há uma data definida ainda. São R\$ 100 mil. É a primeira vez que eu estou falando isso. Voltando à continuidade: saiu um cineasta da Secretaria de Cultura, mas o estímulo ao cinema permanece. Isso vale também para o debate que nós vamos estabelecer com os cineastas da cidade para dinamizar e concluir as obras do Pólo (de Cinema e Vídeo).

Correio — Há espaços abandonados. O que o senhor pretende fazer com o Gran Circo Lar e a Concha Acústica, por exemplo?

Tierra — Esse é um desafio que nós temos que vencê-lo com rapidez. Eu destaco a recuperação do Teatro Nacional, que é uma referência, e este já está garantido. Mas no período de reforma, que vai até setembro, nós vamos ter que fechar a Villa-Lobos e para isso precisamos de alternativas. É indispensável, portanto, que daqui até maio o Gran Circo Lar esteja operando e possamos devolvê-lo para a cidade.

Correio — Como o circo será ocupado?

Tierra — Com uma múltipla utilização. Inclusive como escola, que é uma coisa que nós vamos discutir aqui. Pode também ser utilizado pelo pessoal do rock, já que Brasília é uma cidade que tem um potencial nessa área e precisa ter um lugar para mostrar seu trabalho para a população.

Correio — E a idéia do

governador de fazer um Museu do Século XX?

Tierra — Essa idéia foi apenas esboçada e quero discutí-la com o governador. Esta cidade é um pouco a imagem deste século para o Brasil. A idéia é boa, mas ainda está vaga. Diante de uma situação tão limitada, vamos ver o que se pode fazer para tornar essa idéia possível.

Correio — Qual é o papel do Estado, de uma secretaria de cultura?

Tierra — Ele seria mediador. Ele não é gerador de cultura nem aqui nem em outro lugar. É aquele que provê os meios para que se possa oferecer o acesso à produção artística e aquele que provê os meios para a produção. O Classe-Arte, por exemplo: articulando a atividade criadora com o sistema educacional, isso é chave, porque aí nós não estamos fazendo política para o GDP, mas para a sociedade. Levar a discussão e a criação estética para dentro das escolas dá resultados que não é para agora, mas que será sedimentado independente das próximas eleições.

Correio — Essa é uma das suas prioridades?

Tierra — Sem dúvida. As outras: o Temporadas, onde estamos colhendo uma reação espetacular da sociedade. A minha idéia, e isso já havia sido lançado pelo governador, é converter as Temporadas em lei, porque aí você deixa de estar fazendo evento e passa a produzir um processo de cultura e que esse projeto passa a fazer parte do calendário cultural da cidade.

Correio — Nos mesmos moldes em que está sendo apresentado?

Tierra — Estes moldes estão obtendo sucesso. Nós tivemos um crescimento espetacular aos espaços que estão oferecendo as Temporadas. E vamos buscar aprimorá-las.

Correio — Há uma crítica séria feita pelos produtores culturais ao Classe-Arte, sobre a falta de infra-estrutura. Não há espaços adequados nas escolas para os espetáculos, não há sequer um aviso de que naquele dia haverá uma apresentação. E os grupos chegam no local e dão de cara com as paredes.

Tierra — Isso significa que nós estamos no Brasil. Mas eu vi uma exceção na Ceilândia, essa semana, onde um espaço de uma escola foi convertido em auditório para receber a peça Cuida Bem de Mim, que trata justamente da depredação dos espaços públicos, e que gerou um debate interessante numa escola que apresenta esses problemas.

Uma coisa que eu estou pensando sobre a minha área... Não vou ser secretário da poesia, mas da Cultura (lembrando uma brincadeira feita pelo governador Cristovam Buarque). Essa área da literatura...

Correio — Está completamente abandonada.

Tierra — No mínimo há um grande descompasso entre o que foi feito nas outras áreas. Queremos suscitar um debate nessa área, que é matriz para as outras artes. Elliot (Thomas Stearns Elliot, poeta norte-americano) dizia que a poesia é a primeira expressão de identidade de um povo. Dela derivam as outras. Creio que é possível estabelecer parcerias com a UnB, por exemplo, que tem uma edi-

tora. A maior parte dos livros que são escritos sem um subsídio são precários porque o sujeito tem que escrever nos intervalos de outras atividades. Eu acho que a idéia daquela coleção *Perfis do Rio*, que já havia conversado antes com jornalistas, é interessante. Poderíamos chamar pessoas que já tem visibilidade na produção literária no Brasil e mesmo estimular as pessoas daqui de Brasília, cadê os escritores daqui?

Correio — Há muitos escritores aqui, secretário.

Tierra — Exato. Pois é, instituir um prêmio de publicação, por meio de um concurso com critérios democráticos e publicando os resultados. Não custa muito caro.

Correio — E o Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (Flaac) terá continuidade?

Tierra — O Flaac é feito pela UnB e nós vamos procurá-la para retomar o festival. Este ano haverá várias atividades para lembrar os 30 anos da morte do Che (Guevara), que é uma das figuras mais emblemáticas do nosso continente nesse século. Tafi um bom gancho para testar o festival latino-americano.

Correio — Em relação à política partidária. O senhor foi indicado por uma lista tríplice pela Comissão de Cultura do PT. O senhor vai submeter seus novos projetos na Secretaria à essa comissão?

Tierra — O governo é a esfera pública, e esse é um governo de Frente e tem as suas esferas de decisão. A decisão é do governo, o que não exclui do partido a sua formulação, que tem projetos para o país e opiniões a oferecer.

JOGO RÁPIDO

■ LIVROS — "Na minha cabeceira sempre está o *Romancero Gitano*, de García Lorca. E também Drummond. Um dos últimos que li foi O Breve Século Vinte, do historiador britânico Eric Hobsbawm"

■ EUA — "Fiquei impressionadíssimo com *A Rebelião das Elites* de Christopher Lasch. Quem mora nos EUA tem vantagens. O hoje deles é o que vai acontecer dez anos depois nos outros países."

■ FILMES — "Gosto muito de cinema, mas sou de poucas incursões. Não tenho salas preferidas. O melhor filme que vi ano passado foi *Terra e Liberdade* (de Ken Loach). Este ano não vi nada ainda."

■ ARTES PLÁSTICAS — "Estamos em dívida nessa área. Nós pretendemos retomar o Salão Brasília de Artes Plásticas e o Prêmio Aquisição. É um desejo nosso e vamos fazer isso. Há condições ainda este ano."

■ ESPORTE — "Meu divertimento é cultura e esporte. Eu sou torcedor do Botafogo. Mas não sou fanático. Sou muito plural. Na cadeia eu era bom de bola, mas hoje não. Era meio-armador, articulador."

■ PSEUDÔNIMO — "O nome Pedro Tierra foi para driblar a censura da cadeia, nos anos 1970. Inventei que encontrara poesias de um poeta espanhol com esse nome e consegui enviar os poemas para fora da prisão."